
RELATO DE EXPERIÊNCIA: O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA

**Renata Mambrim Purcineli¹, Ana Claudia Amancio², Brena Thais Lucas
Gonçalves³, Érica Nara Resende⁴, Miriam Alves da Silva Cunha⁵, Mônica Aparecida de
Oliveira Cruz⁶**

Universidade de Uberaba, mapur@uol.com.br¹, amancio.uniube@gmail.com²,
brenaccb2008@hotmail.com³, ericanara@hotmail.com⁴, mirinha2000@hotmail.com⁵,
monica.cruz@uniube.br⁶

Linha de trabalho: Formação inicial de professores.

Resumo: O presente relato tem como objetivo apresentar as atividades realizadas de leitura e contação de histórias no subprojeto “Formação de professores: trabalhando a diversidade na escola”, que faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade de Uberaba. O programa age de forma decisiva na formação dos licenciandos em Pedagogia da UNIUBE, possibilitando refletir sobre a prática em sala de aula, especialmente, no que se refere à reflexão/ação sobre a temática da diversidade. A partir do planejamento de atividades, com o uso de diferentes linguagens advindas das artes visuais, da música, do cinema, da cultura, da corporeidade, da linguagem verbal e não verbal, utilizando como referência bons livros de literatura é que esperamos desenvolver o trabalho de forma que contribua significativamente para a aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Diversidade, formação de professores, PIBID, literatura, contação de histórias e dramatização.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do qual participamos como bolsistas, graduandas do curso de Pedagogia da Universidade de Uberaba, transcende o aprendizado comum da docência e nos faz pensar: quais são as formas mais eficazes de aprendizado? Ou ainda, quais as formas mais prazerosas com as quais as crianças aprendem? Vemos o PIBID como uma chance ímpar na vida de um estudante, isto é, um programa de excelência que nos mostrou caminhos educacionais fora dos padrões tradicionais de estudo acadêmico. E com essa descoberta, descortinamos a magia encontrada nos livros.

Muito se questiona se o brasileiro gosta de ler e, até mesmo, se sabe ler, pois, infelizmente, temos ciência de uma grande quantidade de analfabetos funcionais em nossas escolas. Por isso, fazemos parte do subprojeto “Formação de professores: trabalhando a diversidade na escola” que possui um tema bastante pertinente aos novos caminhos que a educação nacional deseja alcançar e, ainda, visa trabalhar com o dia a dia da diversidade no ambiente escolar, promovendo práticas de ensino aprendizagem mais significativas e substanciais aos alunos.

Uma aula dada com qualidade requer um planejamento bem feito e executado. Para chegar a esse resultado, as pibidianas do subprojeto têm utilizado vários livros para explorar a leitura em sala de aula, buscando sempre a diversidade dentro de uma temática pré-estabelecida pelo sistema de ensino vigente, nos CEMEIs (Centro de Educação Infantil).

O trabalho desenvolvido envolve muita criatividade e nos dá a liberdade de escolher como executar o planejamento das aulas. Para isso, utilizamos materiais diversos em atividades diferenciadas, relacionadas à arte e conhecimentos de mundo que possam ser trabalhos por meio de vídeos, músicas, poemas, brincadeiras, jogos, enfim, de todo tipo de experimentação que possa motivar a aprendizagem prazerosa das crianças.

O foco do trabalho, enquanto formação de professor, é desenvolver em nós, discentes da graduação, a capacidade de nos colocar no lugar das crianças para saber ouvi-las e compreender os seus anseios, vontades e limitações e, a partir, desse diagnóstico, propor atividades enriquecedoras de ensino. De acordo com Vygotsky “a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas, e a relação do indivíduo com o mundo é sempre mediada pelo outro” (TOSTA et al., 2010 , p. 130).

Detalhamento, Análise e Discussão

A leitura, em nosso entendimento, tornou-se um dos principais recursos de trabalho, porque traz em suas entrelinhas tudo que uma criança possa querer e se identificar, por isso, grande promotora da autonomia na aquisição do saber-fazer. Quando escolhemos um livro, é necessário planejar os objetivos geral e específicos daquela aula e analisar como o livro poderá colaborar para fazer a criança pensar e expor criticamente suas ideias. O texto contido ali precisa trazer um conteúdo criativo, expressivo, lúdico e vivo.

“Claro está que, como todos sabemos, o professor deve procurar oferecer ao aluno os mais variados tipos de texto, a fim de que se familiarize, em função do caráter específico de sua estrutura de linguagem, deve ocupar um lugar prioritário em relação ao trabalho desenvolvido na escola.”(VILLARDI, 1999, p. 6)

A criança aprende concretamente e o uso da sua imaginação cria circunstâncias que, uma vez compreendidas, jamais serão esquecidas. Como nos disse a autora Uberabense Magali Queiroz em uma oficina do Pibid, realizada em 2016, a criança não deve ser subestimada e não é necessário ficar esmiuçando a história em pormenores. Ela é capaz de entender a situação

contida no texto e pensar sobre o que aconteceu para depois internalizar e, porque não, reproduzir. Muitas vezes, imitando, pois a imitação é uma característica da idade. Relembrando que estamos nos referindo à educação infantil e crianças com cinco anos de idade.

A criança varia entre o afetivo e o cognitivo em vários momentos, segundo Wallon. E é nesse ponto que uma história bem contada colabora com o crescimento pedagógico da criança. Ele denomina tal processo como predominância funcional, como está explicado abaixo:

“Wallon observou que no desenvolvimento aparecem períodos mais voltados ao afetivo e outros ao cognitivo. Os períodos com predominância afetiva (subjetivos e com acúmulo de energia) são quando a criança volta-se à construção do eu e os períodos com predominância cognitiva (objetivos e com dispêndio de energia) são quando a criança volta-se a construção do real e conhecimento do mundo físico.” (TOSTA ET AL, 2010, pg. 152)

Inclusive, Nely Coelho (1987, p.54) vem confirmar as teorias de Wallon quando diz que o desenvolvimento da criança leitora passa por fases que não dependem de sua faixa etária, mas da interrelação da sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento ou domínio do mecanismo da leitura. A estudiosa até propõe fases de desenvolvimento da leitura de acordo com a idade, que deve ser considerada, mas não precisa ser uma regra. As crianças do Cemei nos mostraram que a leitura é algo maior que uma definição de fases.

Primeiramente, não é qualquer livro que se encaixa naquele momento ou tema ou para aquela classe. O grupo pesquisa alternativas para explorar o tema da melhor forma possível e encontra sempre respaldo nos próprios livros. Por exemplo, como desejávamos fazer um trabalho sobre autoconhecimento, propomos a leitura do livro “Um Amor de Família”, do autor Ziraldo. Esse foi um dos primeiros livros trabalhados, porque acreditamos que todo trabalho bem feito deve contribuir para que a criança tome consciência, primeiramente, de quem é ela, o que é e o que pode ser perante da sociedade em que vivemos.

Nesse caso, atentamos para o fato de que a criança se torna alguém e é influenciada decisivamente pela família, ou seja, a família é a primeira referência no quesito formação pessoal. E sempre destacamos a diversidade que isso envolve. Assim, procuramos explorar as características físicas, psicológicas e emocionais que permeiam a temática desenvolvida. Ensinamos que o que é “legal”, como dizem os pequeninos, é curtir as diferenças, que nos remeteu ao livro “Diversidade”, de Tatiana Belinky. Seus poemas foram facilmente compreendidos e assimilados, como também dramatizados por nós e expressados, por meio de desenhos, pelos alunos.

Na busca pela abordagem de todo tipo de diferença em detrimento de uma igualdade de direitos, levamos histórias clássicas como o “Patinho Feio” e “A Boneca do Laço de Fita”. Utilizando de avental e de teatro de fantoches, respectivamente, chegamos ao resultado esperado e a alegria de aprender nos comoveu. “Podemos gostar de um determinado livro simplesmente porque aquela história ou aquele jeito de contar a história nos emociona, nos fala aos sentidos” (VILLARDI, 1999, p. 36).

Já o livro “A Felicidade das Borboletas”, de Patrícia Engel Secco, ilustrado por Daniel Kondo foi apresentado por meio de vídeo que narra a história sobre uma menina bailarina com deficiência visual. O vídeo é uma forma de contar história utilizando-se de recursos audiovisuais muito eficientes. Em tempos que estes recursos estão sendo altamente explorados junto às crianças, a escola não pode deixar de utiliza-los para desenvolver práticas pedagógicas inovadoras e atraentes para o público infantil. As novas tecnologias precisam ser trabalhadas de forma equilibrada e buscando resultados positivos.

Também trabalhamos a contação de história com o tema folclore. O livro explorado foi “Bruxa, Bruxa, venha a minha festa”, de Arden Druce. A história conta que a Bruxa fará uma festa e começa a convidar alguns conhecidos inusitados e extremamente diferentes entre si, tornando a festa muito diversificada.

Na ocasião, a pibidiana se vestiu de Bruxa, alterou a voz, fez traquejos e fez brincadeiras falando: “hoje não quero comer criancinhas, quero uma festa”. Por mais que houvesse o esforço para a bruxa ficar horripilante, as crianças sorriam e jogavam um olhar de desafio no ar. Nos desenhos registrados não havia bruxa feia ou só de preto, havia muita cor e criatividade. As crianças criaram uma identificação para a bruxa e faziam questão de mostrar o desenho à personagem/professora, ficando nítido que elas já conseguem diferenciar a realidade do imaginário.

Mais recentemente, exploramos o livro “A Festa no Céu”, história que tem vários personagens, então foi preciso que todas as pibidianas do subprojeto estivessem presentes nesta aula. O ensaio foi realizado antecipadamente e, no dia, já entramos encenando o livro com conhecimento bastante sólido sobre a história. Afinal, para se contar uma história é preciso conhecer bem ela. A personagem principal, a tartaruga, possui características próprias riquíssimas, destacando a persistência e ousadia de participar de uma festa no céu, onde só encontrariam aves, isto é, animais que pudessem voar até o local da festa.

A escolha pelo livro veio quando precisávamos encerrar o semestre de uma forma comemorativa e descontraída. A encenação foi a solução encontrada e, para isso, confeccionamos as vestimentas para dar maior veracidade à história. Os pássaros possuíam máscaras, o Urubu era todo preto (incluindo o rosto pintado com detalhes em preto e laranja) e a tartaruga toda verde (utilizamos uma mochila cheia de papel verde para dar a ideia do casco da tartaruga). Levamos o violão. Recriamos a festa e percebemos que tínhamos atenção total dos alunos. Eles demonstravam pelo olhar que queriam estar naquela festa. E nós, pibidianas, queríamos aquela festa. Para os alunos foi a oportunidade que queriam para dançar a inesperada música culturalmente popular e intencionalmente colocada (Danza Kuduro).

Como contar histórias não está somente em livros, recontamos a lenda do Girassol. O nosso folclore é amplo e de uma riqueza incalculável. Em vez de explorar figuras típicas como o Saci, decidimos contar uma lenda. Planejamos e preparamos os personagens feitos com lantejoulas, cartolina e, posteriormente, presos em palitos.

O último livro que, levamos para a turma, até a elaboração deste trabalho, foi “As Flores da Primavera”. Ele trouxe como tema as diversas estações do ano, juntamente com as múltiplas flores encontradas na natureza. Compreender que uma minhoca que mora em uma maçã gosta da primavera e do que ela lhe fornece, as flores, leva as crianças a pensarem se também gostam, querem, cuidam e participam dos acontecimentos que as circundam, como os acontecimentos relativos ao meio ambiente e à natureza.

Em todos os livros trabalhados foi confirmado que o livro é um espaço criativo e de acordo com Dinello este é o lugar onde cada um pode experimentar todo o seu universo criativo.

“É essa expressão lúdica que permite o descobrimento e a afirmação de personalidade. É essa manifestação criativa a base da autonomia do ser com iniciativa própria, esse caráter que tanto estamos desejando nos adultos de hoje. A autonomia se constrói, acompanhando a expressão das crianças e não as submetendo rapidamente aos programas indutivos. A planificação, a partir dos conteúdos escolares, é um aspecto do realismo que completará, em seu posterior momento, esse despertar criativo da educação infantil”. (DINELLO, 2011 pg. 82)

Considerações

A contação de história é uma ferramenta importante na prática do professor, pois estimula a imaginação, a criatividade e o gosto pela leitura. À medida que se mostrava as ilustrações do livro lido que, por sinal, eram cativantes, notava-se a atenção aumentada dos pequenos. Por exemplo, as crianças ficavam interessadas na próxima página para descobrirem

em qual flor estaria à minhoca. As imagens do livro são bem coloridas e instigavam a curiosidade dos infantes, que fizeram perguntas em vários momentos, ao longo da contação. É importante destacar que, realizar as atividades educativas depois de contar a história, facilitou para eles, bem como para as pibidianas

Para tornar a contação de histórias mais real e dramática usamos recursos da voz para diferenciar os personagens e facilitar a compreensão dos acontecimentos. Além da voz, o contador de histórias deve usar o corpo como instrumento de informação. A dramatização dos fatos precisa ser contada levando em consideração uma sequência lógica dos fatos, que a criança compreenda, porque o seu desenvolvimento cognitivo ainda está em formação. Isto é, ela precisa assimilar e acomodar para interiorizar. Então, sempre será preciso um cuidado especial ao contar uma história.

Outro ponto descoberto e trabalhado foram as pausas na história, momentos em que as crianças podem opinar, levantar hipóteses, ou contar algo do seu conhecimento de mundo que esteja relacionado com a história e venha enriquecer o conteúdo exposto. Já aconteceu de recriarmos uma história clássica com detalhes diferenciados e encontrarmos resistência do aluno, dizendo que a história não era daquele jeito. Um exemplo foi a história “desconstruída” dos três porquinhos, contada pelo grupo há algum tempo.

Ler para a criança provoca prazer para o ouvinte e para quem conta. Os benefícios desse aprendizado se revelam de diferentes formas nestes seres em formação. Por meio dos livros, as crianças podem experimentar outras formas de ser e de pensar, elaborando diferentes hipóteses para a resolução de problemas ou para compreender o mundo que as cerca. Em nossas aulas, houve histórias recontadas por elas, logo após a nossa versão. E toda criança demonstrou saber quem gostaria de interpretar, ou seja, com quem ela se identificou e gostaria de reproduzir suas falas e ações.

Portanto, colaborar para a formação de um indivíduo para que se torne um ser integral e um cidadão conhecedor de seus direitos e deveres tem relação direta com a leitura. Ler liberta o pensamento, incentiva a criatividade, estimula o raciocínio lógico e contempla o ser afetivamente. Há quem diga que o livro é um combustível poderoso do saber. E quem lê vai mais longe. A humanidade ainda não percebeu o poder que há nos livros, mas o professor pode entender este poder quando olha uma criança compenetrada em uma contação de histórias. A

pessoa que lê tem mais chances de se autoafirmar com segurança, porque adquiriu conhecimentos suficientes por meio dos livros.

Referências

COELHO, Nely Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise**. 4. Ed São Paulo: Quorum, 1987.

DINELLO, R.A. **Expressão Ludocriativa**. 1939. Tradução Luciana Faleiros C. Salomão. Minas Gerais, Ed. Ver – Uberaba: Universidade de Uberaba, 2011.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

TOSTA et al. **Criança e desenvolvimento, vol 2/Necessidades educativas infantis**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro, RJ: Dunya, 1999.